

RUA PAULO EIRO

Decreto nº 5431 de 15-06-1978, Artigo 1º
Formada pela rua 29 do Jardim Londres
Início na avenida Ibirapuera
Término na rua Pelicano
Jardim Londres

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral. Protocolado nº 5.176 de 01-03-1978 em nome de Odilon Nogueira de Matos e Outros.

PAULO EIRO

Paulo Francisco de Sales que mais tarde modificou seu nome para Paulo Emilio de Sales Eiró nasceu em Santo Amaro, São Paulo, em 15-abril-1836 e faleceu na cidade de São Paulo em 27-junho-1871. Era filho Francisco Antonio das Chagas e Maria Angélica de Moraes Sales. Lecionou as primeiras letras na vila, ganhando quarenta mil réis o que lhe dava apenas para comprar livros. Desde os 12 anos de idade trabalhava com seu pai na composição de importante obra historica, terminada algum tempo mais tarde. De excepcional inteligência, dos 17 aos 19 anos produziu nada menos de oito peças teatrais. Deixou o magistério para ingressar na Faculdade de Direito, não chegando, todavia, a completar o 1º ano do curso. Já por essa época torturava-o a angústia de um amor infeliz, que o fazendo desiludido fê-lo ingressar no Seminário Episcopal. São dessa fase várias coleções de versos, num total de quatro volumes, que dizem ter Paulo Eiró reduzido a cinzas, parte a mando dos frades do Seminário e parte, ou num acesso de insania ou num momento de desânimo pela morte de sua irmã. Era frequentes no poeta as alternancias de lucidez e de loucura. Abandonando os estudos passou a viajar incessantemente, mas o estado de desequilibrio era cada vez mais grave, havendo sido, em 1866, internado no Hospital dos Alienados, de São Paulo, onde morreria, cinco anos mais tarde. Paulo Eiró figura entre os maiores poetas brasileiros, pertencendo à uma geração de românticos. Foi um dos precursores da idéia abolicionista, cujo tema desenvolveu em algumas de suas obras, como no poema "A Bandeira Vermelha", onde mostra toda sua repulsa pela escravidão e expõe suas idéias de igualdade social; na comédia "Traficante de Escravos" e no drama "Sangue Limpo". De sua numerosa obra, citamos: poesias - "Primicias Poéticas", "Brumas", "Cantos e Prantos", "Cismares da Solidão", "Meu Álbum Tetéias", "Lira da Mocidade", "Crepúsculo dos Deuses"; ficção - "Carolina" e "Como se Morre"; teatro - "Chegamos Tarde", "Pedra Filosofal", "Noivo à Pressa"; Folclore - "Coleção de Modinhas", "Coleção de Romanças, Rimas e Trovas Paulistanas", composta por diversos poetas caipiras.



DECRETO N.º 5431, DE 15 DE JUNHO DE 1978.

Dá denominação a vias públicas do Município de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 (Lei Orgânica dos Municípios),

D E C R E T A :

Artigo 1.º — Fica denominada "RUA PAULO EIRÓ" a Rua 29 do Jardim Londres, com início à Avenida Ibirapuera e término na divisa do mesmo loteamento.

Artigo 2.º — Fica denominada "RUA BATISTA CEPELOS" a Rua 30 do Jardim Londres com início na Rua 31 e término na Rua 33 do mesmo loteamento.

Artigo 3.º — Fica denominada "RUA GUSTAVO TEIXEIRA" a Rua 31 do Jardim Londres, com início na Rua 28 e término na Rua 33 do mesmo loteamento.

Artigo 4.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 15 de junho de 1978.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas

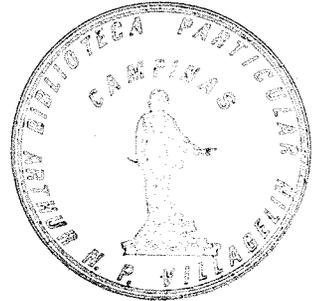
DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos
ENG.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 5.176, de 1.º de março de 1978, em nome de Odilon Nogueira de Matos e Outros, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 15 de junho de 1978.

DR. ALFREDO MAIA BONATO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA PAULO EIRÓ

(Denominação dada pelo Art. 1º do Decreto 5431 de 15 de junho de 1978 à rua 29 do Jardim Londres, com início à Avenida Ibirapuera e término na divisa do mesmo loteamento.)



Paulo Eiró



Paulo Eiró

NO dia 27 de junho de 1871 faleceu em São Paulo o poeta, dramaturgo e comediógrafo Paulo Eiró (Paulo Emilio de Sales), nascido em Santo Amaro a 15 de abril de 1836. Inteligência viva, já aos 12 anos trabalhava com o pai na composição de importante obra histórica, terminada algum tempo mais tarde. Dos 17 aos 19 anos produziu nada menos de 8 peças teatrais. Diplomado em 1855 pela Escola Normal, exerceu o magisterio até 1859, quando ingressou na Faculdade de Direito. Já por essa época, torturava-o a angústia de um amor infeliz, que lhe trouxe desilusões e o fez entrar no Seminário Episcopal, decidido a seguir a carreira eclesíastica. São dessa época varias coleções de suas poesias. Infelizmente, porém, já dominado pelas crises alucinatorias que o levariam ao tumulto, lançou ao fogo muitas dessas produções. Forçado a abandonar os estudos, passou a viajar incessantemente. Internado em 1866, faleceu cinco anos depois. De sua numerosa obra, citamos as seguintes: poesias — "Primicias Poéticas", "Meu Album", "Cismares da Solidão", "Boninas", "Teiás"; ficção — "Carolina", "Como se Morre"; teatro — "Sangue Limpo", "Chegamos Tarde", "O Traficante de Escravos", "Pedra Filosofal", "Noivo à Pressa"; folclore — "Coleção de Modinhas", "Coleção de Romances, Rimas e Trovas Paulistanas, Composta por Diversos Poetas Caipiras".

POETAS PAULISTAS

PAULO EIRO - REALIDADE E LOUCUR



Por DANTE ALIGHIERI VITA

(Do Instituto Historico e Geografico de S. Paulo)

ERASMO teve as suas razões para fazer o elogio da loucura. Dizem: o louco no seu ato gratuito desconhece todo e qualquer tabu ou preconceito de tempo ou de espaço: é um livre. Onde estão as fronteiras da loucura e do genio? Até onde vai a realidade e o sonho? Quando se pode distinguir o senso comum do sublime? Não raro, em cada um de nós, há muita realidade poetica ao lado de alguma realidade pratica.

Dizem, quem não soffre, jamais será grande poeta. Mas, por que conceber a vida como um castigo ou um pedaco de mau caminho?! Em Paulo Eiró assim como em Alvares de Azevedo a loucura, a morte aparecem feito obsessão, feito pressentimento. Aparecem como coisas desejaveis por lhes parecerem talvez a porta de um mundo melhor ou o caminho da vida eterna.

O poeta de "Lira da Mocidade" punha nessa crença toda a sua esperança.

São Paulo era na época de Paulo Eiró não só uma cidade liricamente provinciana, mas também taciturnamente religiosa. A religião estava na raiz de toda a atividade social. Afonso Schmidt informa que: o curso, de seminário desse poeta de temperamento neurótico e idealista foi interrompido pela repercussão escandalosa que se originou de sua poesia audaciosamente abolicionista e republicana.

Para Amadeu Amaral, Paulo Eiró era "alma ingenua e pulcra de criança e santo, verdadeiro vaso de eleição, onde se guardou intata a mais fina essencia, a espiritualidade terrena". Todo o seu tesouro era ser poeta. Humilde recompensa, que, talvez, fosse também toda a sua riqueza, como se pode ver nestes versos de "Que importa":

"Em noite de vigilia a Deus voltado Fervoroso ergui supplicas secretas Nem ouro, nem poder, pedia somente Corões de poeta.

Ai! Bem conheço que o laurel dos vates E' diadema espinhoso, ervada seta A sentir que sua alma punge e rasga... Que importa! Sou poeta.

Que importa que minha alma assim feneça, Sem crença, sem amor, erma inquieta, Suspensa entre o desanimo e a saudade, Se viverei poeta?

Que me importa que assim vegete, obscuro, Qual cresce entre a folhagem a violeta, Na vida a solidão, na lousa o nada, Se me chamo poeta?

Que importa que meu genio desditoso Crestasse as asas como a borboleta; Me estenda a morte, os braços murmurando: Descansa aqui, poeta!

Que o sol de minha vida, seja o ocaso, E o peregrino a suspirada meta, Se outro Tasso, terei na campa louros, Se hei de morrer poeta?"

Pungente, quase sempre, o drama deste poeta neurótico e louco, em que a loucura busca, esterizar-lhe a mente, levando-o para o morbido e, não raro, à obscuridade. Tem, porém, momentos de lucidez, como estes, para dizer com os olhos fitos no Evangelho, talvez, o unico remedio para os seus desanimos e suas dores:

"Feliz quem padece: A rosa entre espinhos cresce E tanto perfume exala..."

Paulo Eiró, trazia do romantismo a religiosidade acentuada, que era uma das constantes da arte brasileira, como também, diz Jamil Almansur Haddad, "a tendencia literaria então vigente: o ceticismo, o desalento, collocando-o na mesma linha de Alvares de Azevedo e de Leopardi".

Eis como o desencanto e a experiencia amarga de sua vida se cristalizou em versos como estes de "Vox in Excelso":

"Nestas noites de outono, quando intensa, a luz dos astros brilha em ceu profundo, E como um resfolgar de moribundo, Forceja o vento na folhagem densa;

Queo, flébil, uma voz que dessa imensa

Abobada mal chega aqui no mundo, Qual um suspiro de anjo pudibundo Nos extases da eterna recompensa.

Ela diz-me: "Insensato peregrino! Não herdaste a humana felicidade E o seio frustra a um amor divino".

Voz de estrelas, céu, falaz verdade! Oh que negro e medonho é o meu destino! Oh que velhice é a minha mocidade!"

E' impressionante a frequencia com que nos seus versos, Paulo Eiró fala em loucura. O seu drama maior, sem duvida, prende-se à mulher, fonte de poesia e sofrimento. Vejam: Beatriz na vida de Dante, Laura na de Petrarca e Natércia na de Camões e alguém na vida desse inditoso poeta paulista, como se pode notar nos versos de "Fatalidade", neste momento de encanto e desencanto ao ver sua amada casar-se com outrem:

"Que vista! O sangue se afervora e escalda! Por que impulso fatal fui hoje à igreja? Quer meu destino que, ao entrar, lá veja Noiva gentil de candida grinalda.

Nes olhos sem iguais, cor de esmeralda, Lume de estrelas, placido lampeja: Seu branco seio de ventura arqueja; Louros cabelos rolam-lhe da espalda.

Hora de predição! Sim, adorei-a; Não tive horror, não tive sequer medo De cobiçar uma mulher alheia.

Unem as mãos, o órgão reboia lédo; Em alvas espirais, o incenso ondeia... E eu só, longe do altar, choro em segredo!"

Diz Felizardo Junior, que conheceu o poeta: "era um dos mais fulgurantes e mais desgraçados talentos que temos conhecido".

A sua poesia não se limitou só ao seu drama pessoal, estendeu-se também ao campo social como mensagem de esperança. Foi poeta abolicionista e republicano: coisa espantosa para o tempo. Foi precursor, nos seus ideais generosos de liberdade, ao poeta de "A Cachoeira de Paula Afonso", tendo versos de profundo sentido politico como se vê nesta profissão de fé republicana do poema "Verdades e Mentiras":

"Morrer pudera, então, em terra livre Sob um poder que só do povo emana, Santo designio que as nações meditam,

"Elo final da liberdade humana! Porém, passam dias, voltam anos, E sempre tronos, sempre soberanos!"

Como se vê, não foi estranho aos problemas sociais de sua época: direta ou indiretamente participou aos ideais mais ousados de seu tempo, sendo contemporaneo de Bernardino de Campos em 1859, na Academia de Direito de São Paulo.

* * *

Paulo Eiró nasceu em Santo Amaro, São Paulo, a 15 de abril de 1836. Era filho de Francisco Antonio das Chaags e d. Maria Angelica de Moraes Sales.

Leccionou as primeiras letras na vila, ganhando quarenta mil reis, o que lhe dava apenas para comprar livros. Dizem ter Paulo Eiró, reduzido a cinzas quatro coleções de versos seus, parte a mandado dos frades do Seminario Episcopal e parte ou num acesso de insanía ou num momento de desanimo pela morte de sua irmã.

Eram frequentes as alternancias de lucidez e de loucura no poeta.

Escreveu os seguintes livros: "Crepusculos dos Deuses", "Lira da Mocidade", "Primicias Poéticas", "Teteias", "Cantos e Prontos", "Brumas" — em verso. E, em prosa: "Carolina" — conto, "Sangue Limbo" — teatro.

Nos momentos de insanía, o infeliz poeta tinha fugas para o mato, para os sitios vizinhos. Fugia, quem sabe, da realidade pratica para a realidade lirica, subjetiva, poetica, evadindo-se de um mundo de frustração, transfigurando-se numa realidade sublime, misto de sua loucura e poesia até a morte tanto desejada vir liberta-lo definitivamente no dia 27 de junho de 1851, num recorte anonimo do Hospital dos Almeidas de São Paulo romantico de então.

anpv/09/83